

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC)

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser textual, com indicação de fonte conforme abaixo.

COUTO, Filipe. *Filipe José Couto (depoimento, 2009)*. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV; LAU/IFCS/UFRJ; ISCTE/IUL; IIAM, 2010. 16 pp.

FILIFE JOSÉ COUTO
(depoimento, 2009)

Rio de Janeiro

2010

Nome do entrevistado: Filipe José Couto

Local da entrevista: Maputo, Moçambique

Data da entrevista: 23 de abril de 2009

Nome do projeto: Cientistas Sociais de Países de Língua Portuguesa (CSPLP):
Histórias de Vida

Entrevistador: Guilherme Mussane

Câmara: Guilherme Mussane

Transcrição: Carlos Subuhana

Data da transcrição: 11 de abril de 2010

Conferência de fidelidade: Guilherme Mussane

Data da conferência: 30/08/2010

** O texto abaixo reproduz na íntegra a entrevista concedida por Filipe Couto em 23/04/2009. As partes destacadas em vermelho correspondem aos trechos excluídos da edição disponibilizada no portal CPDOC. A consulta à gravação integral da entrevista pode ser feita na sala de consulta do CPDOC.

Guilherme Mussane - Doutor Filipe Couto, a primeira parte da entrevista é sobre a sua vida pessoa. Talvez começarmos a falar do local de nascimento, primeiros anos de escolaridade, até a licenciatura, contar mais ou menos como é que foi...

Filipe Couto - Bom. Eu nasci em [30 de janeiro de] 1939, em Moçambique, na província do Niassa, e atualmente distrito de Sanga. Frequentei até a quarta-classe a Escola das Missões de Massangulo. Era uma missão católica, e fiz lá a quarta-classe. Depois da quarta-classe, como todos que estávamos lá tínhamos que frequentar a Escola de Artes e Ofícios, uma escola vocacional, chamariam agora técnico- profissional, lá me formei como sapateiro durante 3 anos. Em 1954, na altura eu tinha cerca de 15 anos, fui empregado em Nampula, como sapateiro, por pais de um empresário português que concertava sapatos e vendia sapatos novos numa sapataria que na altura se chamava Sapataria Européia onde trabalhei até ao fim do ano de 1957. Dalí, como tinha a intenção de continuar a estudar, embora tivesse só quarta-classe e tinha o ofício de

Transcrição

sapateiro, eu não podia estudar aqui porque as escolas secundárias eram poucas, e a escola secundária ou liceu Vasco da Gama em Nampula não admitia pessoas que tinham a minha idade, segundo eles tinha superado a idade, tinha que acabar de me transferir para Portugal onde fiz o liceu [1958 e 1962]. Depois do Liceu, isso já no ano de 1962 passei para Itália onde fiz treino para poder seguir e entrar no Instituto Missionário da Consolata e onde também tive que ver se futuramente eu poderia entrar nos estudos teológicos, tornar-me membro do Instituto Missionário da Consolata. Foi o que sucedeu, e dali fui para Itália onde cursei três anos de filosofia, e depois da filosofia fui para Alemanha, na Universidade de Münster [*Westfälische Wilhelms-Universität, WWU*], na Vestfália, onde fiz o curso normal de teologia, por quatro anos [1967 a 1971], e no quinto ano conclui com o doutoramento em Teologia Católica Dogmática.

G. M. - Doutor, recuando um pouco, dentro da sua família alguém terá tido um peso muito grande para incentivá-lo a estudar. Antes dessa passagem para Roma, alguém lhe incentivou, alguém o estimulou, ou na sociedade, no meio em que vivia houve alguém, um chamariz que lhe tenha empurrado para essa...

F. C. - Não. Na minha família ficaram contentes porque tinha a quarta-classe, e estavam contentes porque eu estava a trabalhar na sapataria, na altura eu ganhava 1.500,00 escudos, que correspondia mais ou menos, ou quase o mesmo dinheiro que estava em Portugal, e então a minha família é numerosa, hoje estamos vivos dez, estavam vivos ainda os outros que faleceram, e então eu ajudava os meus pais. Da parte dos meus pais não houve nenhum encorajamento ir para fora estudar, sim os meus pais, especialmente o meu pai, uma pessoa que eu queria bastante, comprava livros, e eu lia os livros que ele tinha. Ele interessava-se um bocado sobre línguas bantós, consegui traduzir o catecismo católico na língua Yao, no norte. O meu pai gostava que eu lê-se, aprendesse, mas ele nunca pensou que eu teria decidido ser, ir para Padre. Quem pode ter animado a mim um bocado, mas também não tanto poderiam ser missionários e missionárias. Quando ouviram que eu tinha feito a decisão, então diziam “é muito bem, vais conseguir...”. Mas isso mais ou menos pela vida que levava. Como eu estava na Sapataria Européia o meu patrão, Antonio Gonçalves, espero que ainda esteja vivo, ao menos a meses estava vivo, estava admirado pela... porque eu era muito pontual, mas

Transcrição

ele via que quando eu saía, no dia que eu apanhava dinheiro ia para uma livraria chamada Livraria Raiz, e ele via que eu entrava lá para comprar livros. Num dia, por curiosidade, foi e viu que eu comprei um livro com o título A Inquietação Humana e ele leu, como bom pragmático e disse: “José” - eu sou filho do José - “não leia isto. Vais ficar maluco. É melhor que se interesse por futebol, por Eusébio”. Não é que não havia alguém que me dissesse “tu tens que ser isto”, mas as pessoas gostavam de ver que eu me interessava de estudar, que no fim de semana fazia as minhas leituras, procurava instruir-me, mas não havia quem me dissesse “você tem que ser isso”. Tenho um tio, que já faleceu, que ouviu falar do Ghandi que estava na África do Sul, por parte da minha mãe. Ele casou-se com a irmã da minha mãe. O Antonio Regina, como na altura era magaiça [trabalhador moçambicano nas minas da África do Sul] e rapava cabelo, ele me chamava Ghandi. Não sei por que, mas nunca me disse que Ghandi era advogado, só dizia que Ghandi era gente grande, que refilou lá na África do Sul, os ingleses lhe tiraram lá da África do Sul, disse “volta para Índia e não faça confusão na África do Sul”, mas aparentemente o Ghandi quando chegou à Índia fez mais confusões, não é? Com aquela desobediência civil, resistência passiva deu problemas aos ingleses, que aparentemente contribuiu para a independência. Mas tudo somado não havia gente assim que me encorajava a direcionar. É muito fácil que se me direcionavam eu ia pelo contrário, eu sempre tive aquele sentido de querer seguir um pouco aquilo que eu pensava para ir para frente.

G. M. - Pode-se dizer que essa conversa sobre o Mahatma Ghandi foi uma lamparina que se acendeu para o futuro estudante de ciências sociais?

F. C. – Nada disso. Pode até ser, mas conscientemente não creio.

G. M. - Como é que se dá a saída de Vestfália para o doutoramento de Ciências sociais em Paderbom?

F. C. - Esse é outro ponto. Quando eu estava a estudar filosofia em Roma, um dos jesuítas chamado Carlo Rane fez uma conferência em Roma onde ele falava de uma situação europeia, especialmente na Alemanha, onde há muita gente que é cristã, frequenta a igreja, e depois declara que já não é mais membro da igreja. O problema da

Transcrição

Alemanha era... é que todos pagam impostos para a comunidade religiosa que pertence. Os membros da igreja protestante, os membros da igreja católica. Então, muitos para evadir as taxas dizem “eu saí da igreja”. Então saio, então declaram se sem religião, já não católico, não protestante, ficam por fora e saem da igreja. Mas para pessoas com tradição, os mais velhos não gostavam disso, de ver seus filhos ou filhas que estavam a sair da igreja. E então o Rane fez alguns artigos onde ele falava da relação entre um cristão que pratica e os seus familiares que não praticam. E nesta conferência, quando havia discussão, eu expus outro problema. Eu disse “acho que esse problema na Europa não é um problema muito sério porque pode ser que aquele sai para evadir as taxas, os impostos, mas no fundo são cristãos. Como a gente tem aqui gente cristã, mas não vão todos os dias à missa. Não contribui. O problema maior para África, onde há cristãos que têm familiares que não são cristãos, que são islâmicos, ou pertencem à religião tradicional, e na igreja diz-se que quem não está na igreja, ou fora da igreja não há salvação. Eu acho que esse é um problema mais sério.” Então o jesuíta Rane perguntou-me quem eu era, eu disse que vinha de Moçambique, da África, onde é que eu estava... eu disse que era membro do Instituto Missionário da Consolata, “o que é que estudas?”, eu disse que “estou a acabar a filosofia, estou no terceiro ano, vou concluir, vou graduar”. Então me pediu endereço e ele mandou uma carta ao superior geral do Instituto Nacional da Consolata, Domingos Fiorina a dizer “encontrei um sujeito chamado Felipe Couto, é vosso membro, eu acho que ele podia vir estudar onde eu estou a ensinar, e ele podia participar em seminários, estudar teologia, e ele poderia aprofundar mais essa questão do relacionamento entre igreja e o mundo não cristão, as religiões não cristãs, e o mundo também daqueles que se declaram ateus”. Então foi dali que o superior geral quando acabei a filosofia, depois de seis, sete meses decidiu que eu ia para Alemanha na Universidade de Münster para estudar Teologia Dogmática sob a via do professor Carlo Rane. Foi assim que fui para Alemanha.

G. M. - Então está na Europa num momento em que aparece um movimento muito importante, em 68, passou em si alguma coisa?

F. C. - Em 68? Quando eu estava em Münster eu participava nas reuniões dos estudantes, e estava no grupo das pessoas que representavam os não alemães,

Transcrição

especialmente pessoas que vinham da África. Antes que a Urica Maigoffi, que é uma das pessoas que entrou nas Brigadas Vermelhas [BR - *Le Brigade Rosse*] fosse para aquelas clandestinidades fazer o que fez aquele grupo BR fez, eu vi Urica Maigoffi a discutir... é interessante que ele defendia o Terceiro Mundo, os países do Terceiro Mundo, criticava o relacionamento que o governo alemão tinha na Nato, e que ia contra os Movimentos de Libertação; falava de Cabora Basa, dizia que os países da Nato deviam ter atenção, não podiam favorecer mais Cabora Basa contra os movimentos de libertação... Eu ouvia isso. Na altura, porém, posso dizer que eu ainda não estava dentro da política dos movimentos de libertação, estava mais interessado em estudar, concluir, mas ouvi isso e estava lá, vi todo o barulho que havia na universidade, e tinha certo receio porque não conseguiria concluir porque os estudantes eram terríveis na altura, ameaçavam os professores, faziam modificar os exames, e a um dado momento houve uma estratégia de aceitar tudo aquilo que os estudantes queriam, mas depois ao fim conseguiam resolver o problema, deixaram que aqueles estudantes fizessem tudo isso, mas depois marcavam esses estudantes. Depois, mais tarde começaram a sofrer muito, não poderiam conseguir emprego porque eles estavam mais ou menos carimbados. Sabia-se “bom esse pertenceu... fez parte daquele movimento, este ameaçou tal professor na Alemanha”, mesmo sendo da Alemanha Federal porque o serviço de segurança era muito forte. E como eu vinha do terceiro mundo e depois me identificavam que eu era de Moçambique, então começaram a controlar um pouco mais como eu andava, tinha que ir sempre aos serviços de imigração, quase cada três meses para poder justificar a minha estadia. Tive esse incômodo, quer dizer, vivi essa situação dos estudantes. Fez me compreender também que é preciso tomar muito a sério os estudantes, as associações dos estudantes, e é preciso dialogar com eles com paciência, mas também com muita firmeza.

G. M. - **Dentro**, enquanto estudante de ciências sociais, que autores lhe marcaram bastante, Weber, Marx, Simmel, que autores se lembra terem sido fundamentais na sua formação acadêmica, no seu futuro pensamento...

F. C. - Bom, eu quando fiz filosofia em Roma tive história da filosofia, e vi bastantes filósofos gregos como Sócrates, Platão, e aí por diante, filósofos da idade média, tipo

Transcrição

Abelardo, e depois também filósofos como Tomás de Aquino, Boaventura, mas fazíamos história da filosofia e impressiono-me bastante a linha dos empiristas ingleses, por exemplo, John Locke, Thomas Hobbes e David Hume. Esses empiristas quando faziam a Filosofia deles analisavam muito a sociedade. John Locke, por exemplo, na sua teoria de conhecimento ele está muito preocupado em ver como é que o conhecimento entra nos jovens, e ele acreditava que quando um jovem está aí, uma pessoa aprende ao início, o próprio cérebro é como um quadro que não está escrito nada, tabula rasa, dizia ele, e até usava o termo tabula rasa. E falava muito sobre a questão da distinção entre substância e qualidade. Para ele substância não era qualidade, e eu ficava admirado “porque é que substância não é qualidade”. Mesmo na filosofia, desde John Locke que procura interpretar Aristóteles, mas indo para frente viu Thomas Hobbes que também lhe alertou muito porque o Thomas Hobbes diz que nós dizemos que os seres humanos são racionais, animais racionais, mas o Hobbes diz que o homem é animal é indiscutível. Come, bebe, vai à casa de banho, luta, morde aos outros, matam-se uns aos outros, cheios de ciúmes como os animais que são ciumentos. Que o homem é um animal é indiscutível, mas que o homem é racional é matéria de discussão, porque há muitas coisas que as pessoas fazem e essas coisas que as pessoas fazem não mostram nada de racionalidade. E depois ele diz que como hipótese de suas investigações punha a definição do homem como *homo homini lupus* [o homem é o lobo do homem]. O Homem, para outro ser humano é um lobo, morde outro ser humano. Os homens... para outros seres humanos mordem-se como lobos. E depois diz que esses lobos que são essas qualidades de lobos que lhes faz seres humanos. Morderam-se tanto até que um dia fizeram uma racionalidade para resolver o problema quando os lobos mordem-se demais. E foram eles próprios que disseram “vamos fazer entre nós um grupo que tem uma força mais forte que é a nossa, como, por exemplo, que tem mais espingardas, mais armas, para poder disparar quando entre nós há demais confusão”. E diz que ali foi a origem do Estado. O Estado é uma parte de lobos que está um pouco mais em cima dos outros, tem espingardas, armas, e de vez em quando essas armas são usadas para domesticar os outros lobos que se mordem uns aos outros. Então, comecei a ver que estes... mas porque é que John Locke falava desta maneira como vem o conhecimento, falava da qualidade, não como substância. E depois Thomas Hobbes está a falar de armas, e está a dizer que a racionalidade humana é matéria de discussão...

Transcrição

também porque é que há isto? E depois via... um filósofo fala das tribos, porque a Inglaterra era uma união de escoceses, de irlandeses e lá lutavam entre eles. Há uma boa análise de David Hume sobre o tribalismo no Reino Unido. Eu achava que esses filósofos eram mais pragmáticos e falavam de coisas claras, que as pessoas mordem-se, que as pessoas lutam entre elas, batem-se entre elas, que há um grande tribalismo, como é que se pode regularizar isso? O David Hume também fala da poligamia, da prostituição. Por exemplo, há escritos de David ... sobre matrimônio, monogamia ou bigamia, coisas que são muito interessantes. Mesmo para hoje eles estavam lá, passaram mais de 400 anos antes ... de 300 a 400 anos para trás e para cá,... são problemas que vendo a história, segundo aquilo que está a suceder, que pode servir hoje. Para o tribalismo podem servir aqui hoje, ou no Burundi também poderia servir. Foi esta parte dos empiristas ingleses que me levou a entrar nessa coisa de estudos sociais, que era uma coisa mais história social que do estudo de sociologia. E depois me influenciou outro historiador chamado Charles Boxer que escreveu um livro sobre o Império Português, o início do Império Português. Escreveu também sobre o Império Holandês. Os portugueses que no século 16 saíram, vieram até Moçambique com Vasco da Gama, Bartolomeu Dias... Os portugueses que também foram acabar no Brasil, depois os espanhóis para a América Latina, e depois deles os holandeses que entraram no comércio, no mercantilismo, e praticamente Portugal, Espanha e Holanda começa o sistema internacional global. Começou-se a ver histórias em que coligavam, por exemplo, Portugal com Líbia, ou Portugal com Cape Town (Cabo de Boa Esperança), ou Portugal com o Brasil, ou Espanha com o Peru, ou Holanda começa a falar de escravos, de negócios, de drogas e tudo isso, mas já numa situação global. E o Boxer também fala do outro sistema da de guerra dos sete anos dos ingleses que globalizou o mundo, mas é uma globalização que fez também o primeiro sistema internacional global. Então, interessou-me bastante isso, e Boxer dizia que a ideologia que havia para Portugal e Espanha era o cristianismo católico; e a ideologia que havia para os protestantes era o cristianismo calvinista. Calvinismo é mais para negócios, Capital. Os outros não falavam muito disso, mas falavam da expansão pegando na religião, dizendo que “vamos evangelizar os infiéis, contra os mouros, o islã, e contra a ignorância dos pagãos”. Então, ali começa o sistema global onde há coisas comerciais, onde há coisas religiosas como é o cristianismo, e onde há também primeiras idéias sobre o

Transcrição

mercantilismo e assim por diante. Foi dali que comecei a... depois de ter feito dogmáticas sobre a relação entre cristãos e não cristãos, comecei a pensar “vou estudar mais este problema”. O problema aprofundou-se mais quando eu voltei porque quando eu acabei o doutoramento, foi em 71, voltei para Moçambique, estive no Niassa, e em 1971 e lá para fins de 1972 eu acabei por ir para a Tanzânia onde me juntei a Frente de Libertação de Moçambique. Foi nessa altura, foram quatro anos intensos, que eu aprofundei mais essas idéias do primeiro sistema global internacional, com origem em Portugal, o cristianismo... Portugal e Espanha versão católica; Holanda calvinismo, depois a guerra dos sete anos. Então, comecei a ver os Movimentos de Libertação, comecei a ver a questão da Frente de Libertação de Moçambique, e depois da independência tive que ir algumas vezes à Alemanha onde acabei o meu doutoramento em Ciências Sociais, isso foi na Universidade de Paderbom, também na Vestfália. E aí é moral, é de Relações Internacionais, estudo feito na primeira globalização do sistema internacional. Analisei o colonialismo, o sistema português de expansão, o sistema espanhol e o sistema holandês onde procurei ver as ideologias... como o cristianismo estava muito coligado a essa expansão. Então, quem me influenciou também um pouco, aquilo que eu ouvi na frente de libertação de Moçambique quando via as conexões que nós estávamos a lutar, na altura havia Nato e pacto de Varsóvia; e dois blocos: a União Soviética e dessa parte a Nato, e nós estávamos lá no meio, apoiados pela União Soviética, pela China, pela Argélia... íamos para frente dessa maneira. Foi mais ou menos assim que nasceu essa coisa de base social.

G. M. - Está na Europa num momento que se dá um acontecimento muito importante, que é o Sínodo Vaticano II, e a aquela reunião do João Paulo VI com Marcelino dos Santos, Amílcar Cabral...

F. C. – Primeiro João XXIII, isto aí era em 1963... Bom, o Concílio Vaticano II interessou-me porque eu estava a estudar teologia, e de fato há aí um documento Luz das Nações, se não é no capítulo 16 onde de fato está escrito que o mundo não cristão e também o mundo ateu têm uma relação com a Igreja. Isso aí também me influenciou muito. Mas não é que eu fui aí muito entusiasta daquilo que sucedia ali, gostei... vi que havia essa possibilidade de pegar, raciocinar e abrir um pouco a parte dogmática da

Transcrição

igreja católica, e dizer que é possível dizer que quem não é cristão está ligado a mim como cristão.

G. M. – E de 1970 a 1980 estava na Universidade de Paderborn... que disciplina assistia, e como foi escolhido para ser assistente?

F. C. Bom, aí para a escolha de ser assistente não é que uma pessoa requer para ser assistente, uma pessoa torna-se assistente segundo os trabalhos que faz, seminários, aquilo lá que chamam *referatis* (?), relatórios. Então, eles quando viam que o relatório era bom, davam grupos para fazer os relatórios. Então naqueles grupos uma pessoa começa a ser o responsável a liderar isso... cada vez mais a pessoa relaciona-se com o professor, que está interessado no tema, e logo tem gente lá de recursos humanos começam a catalogar e a remunerar as pessoas. Como eu tinha dificuldades financeiras e estava muito interessado em receber dinheiro dessa maneira, e como tinha doutorado em teologia, tinha já certa bagagem, então eu as vezes ajudava nos seminários. Seria mais ou menos aquilo que aqui [na Universidade Eduardo Mondlane] é um assistente estagiário, ou o monitor, as vezes exagera-se com as palavras,...

G. M. - E depois de 84 a 86 vai à Tanzânia, vai lecionar a história da igreja. Tinha dito que estava no Movimento de Libertação e tinha tido experiências sobre Movimentos de Libertação, como é que isso fica na história da Tanzânia?

F. C. - Eu fiquei na Tanzânia no momento em que nós estávamos a lutar para a libertação, no tempo da luta de libertação. Depois da independência houve um momento em que eu estava, vamos dizer assim, o limbo, o limbo é o que, há uma doutrina que diz que as crianças não vão ao inferno e nem ao paraíso, estão aí no meio. Eu estava, depois da independência, estive um pouco como um limbo. Quer dizer, para a frente de libertação eu não era radical demais, e para a igreja eu era comunista demais. Então, depois da independência, quando eu cheguei aqui estava numa situação como limbo. O limbo é uma doutrina que diz, na igreja católica, que as crianças que morrem sem batismo não vão nem no inferno, mas não vão nem no céu. Ficam num lugar intermediário, mas não são nem cristãs, não são nem não cristãs. Então, eu quando chegou à independência andei por aí e vi que para muitos eu não era radical demais

Transcrição

como revolucionário, e para outros eu era comunista demais. Isso na parte da igreja, comunista demais; na parte da Frente de Libertação de Moçambique, “este Couto não está definido”. Então, como eu tinha bom relacionamento com a igreja tanzaniana, a igreja tanzaniana, especialmente o Bispo de Iringa e o Cardeal de Gamboa, pediram-me para ensinar história eclesiástica no Seminário Perarniho. Então, eu combinei com as pessoas de Moçambique, eu disse: “enquanto vocês decidem sobre mim, eu vou indo a Tanzânia ensinar história da igreja”, e fiz isso em três anos. Ia e voltava. Nesse momento então se definiu... viram quem sou eu, e a Tanzânia gosta de mim, e Moçambique gosta de mim, eu nasci aqui, daqui não saio e daqui ninguém me tira, mas houve esse momento de definição, de fato se notam logo depois da independência, eu não tive nenhum cargo nem na igreja e nem no governo. É isto que, era uma individuação, que eu devia fazer porque as pessoas não acreditavam em mim. Quer dizer, acreditavam e não. Fiquei com a Frelimo bastante tempo, eu sobrevivi todas as vicissitudes que lá estavam. Cooperei com eles, mas não estava, talvez eu não fosse claro. Então isto deixou histórias e viram que este indivíduo afinal em Perarniho é válido... por que é que não pode ser válido em Moçambique.

G. M. - E depois vai trabalhar na Diocese de Nampula como missionário...

F. C. - Então, Dom Manuel Vieira Pinto, quando viu que eu estava a trabalhar bem na Tanzânia, então começou a dizer “olha, se tu trabalhas ali, e aquilo é igreja, então podes trabalhar aqui. Então, Dom Manuel Vieira Pinto disse que eu trabalhasse em Nampula, como Pároco da Catedral e depois acabei... como o Vigário Geral estava doente, ausentou-se, depois fiquei como Vigário Geral da Arquidiocese de Nampula, e cooperei com Dom Manuel Pinto vários anos, como na igreja.

G. M. - E depois volta na Europa e vai dar aulas na Inglaterra...

F. C. - Foi assim, quando eu acabei de trabalhar ali com Dom Manuel Vieira Pinto, quando eu trabalhei... faleceu o presidente Machel no desastre de Mbozine. E na altura, quando nós discutíamos quem era responsável e quem não era responsável, eu estive uma linha, estive na linha do Moyane, **comandante Moyane, até foi aqui presidente do**

Transcrição

Município. José Moyane, Panguene, toda esta gente, era na altura que faleceu o presidente Machel, Chissano entrou como presidente, então eu na altura escrevi e disse coisas muitas fortes. Na altura Panguene tornou-se Embaixador em Londres, e a um dado momento viu-se que era bom que eu fizesse uma espécie de novo de limbo. Então, o que fiz foi... havia uma ocasião de ensinar no Missionary Institute of London, e depois Sussex University, então fui e ensinei lá dogmática no Missionary Institute of London; filosofia, lógica, matemática e tudo isso. E depois disso, para não ficar fora África voltei para Morogoro, e em Morogoro eu sou co-fundador da Escola Superior de Sociologia, Teologia e Ciências Sociais de Morogoro no tempo em que o Benjamin Mukapa tornou-se presidente, era Ministro de Ciência e Tecnologia.

G. M. - E pode dizer mais como é que foi lecionar na Matemática... filosofia...

F. C. - Agora para clarificar... de Morogoro, quando queriam fundar a Universidade Católica de Moçambique, então veio o meu nome. Mandaram me chamar para ser Reitor fundador da Universidade Católica de Moçambique com sede na Beira, que tem Faculdades: uma de agronomia em Cuamba, turismo e informática em Pemba, Medicina e Economia na Beira, direito e educação em Nampula. Então, e trabalhei lá durante dez anos. E depois acabou o meu tempo lá, acabei de ser assessor do atual ministro de educação e cultura [Aires Aly] por dois anos e meio, e dali acabei entrando aqui como Reitor da Universidade Eduardo Mondlane. **Parece que está claro, até aqui está claro.**
Agora quer o que?

G. M. - Há duas coisas. O Doutor Couto, o Doutor Machili defendem a expansão da universidade e colidem com os chamados qualitivistas, que acham que uma expansão da universidade vai diminuir a sua qualidade. Pode explicar isso?

F. C. - Isso pode se explicar... se eu quero algumas toneladas de arroz com qualidade eu tenho que plantar muito arroz, não pouco arroz porque senão, se planto pouco há o perigo de não ter nem 50 quilos de arroz de qualidade. Mas se eu planto muitos hectares, então eu posso tirar algumas toneladas de qualidade. Se eu tenho um bananal só com 5 bananeiras, eu não vou tirar banana de qualidade. Se eu tenho um bananal que

Transcrição

tem algum trinta e tal, quarenta e tal, então posso começo a falar de qualidade. Se eu quero ter paus de pinheiros, eucaliptos, laranjeiras, o que quiser com qualidade, tenho que ter uma grande plantação. É só isso. Quero dizer, os que falam da qualidade devem saber que é preciso ter muitos estudantes para poder escolher os melhores. E essa é a idéia do Carlos Machili, eu. Pode ser que às vezes temos que moderar um pouco, mas não moderar até ao ponto de por aqui... imagine que na Universidade Eduardo Mondlane tivesse só seis mil estudantes, como é que seria possível apanhar todos os possíveis cérebros que existem em Moçambique, dos vinte milhões. O acesso aberto dá a possibilidade de fazer uma seleção, e depois é preciso fazer seleção, e para essa seleção a introdução dos ciclos, que nem o ciclo de três anos, depois a seguir mais dois para um mestrado, depois para PhD, depois de dois anos. Ali pode se selecionar muito bem porque no primeiro ciclo pode se ver aqueles que podem fazer o mestrado em diversas especialidades.

G. M. - Vamos falar das suas publicões. Publicou Esperança na Incredulidade em 1972...

F. C. - Esse é a Tese de doutoramento. Está em Alemão, em alemão o título é Hofnung im Unglauben, um título um pouco obscuro. Esperança daqueles que não têm fé. Fé católica, é claro. Então, esta é uma publicação, logo que eu acabei doutoramento tinha que se publicar, publicávamos aí três mil volumes, ainda encontra-se esse livro nas bibliotecas, eu devo ter uma cópia.

G. M. – E publicou também Moral das Relações Internacionais em 1981...

F. C. - Esse é aquele que aqui chamam doutoramento para habilitação para Catedrático, na Alemanha há habilitação para catedrático...

G. M. - O último que publica é Moçambique e Frelimo: apresentação de um Movimento de Libertação. Que ideia central esta publicação que faz em 1975.

F. C. - Este livrinho foi feito durante a luta de libertação. Frelimo e Moçambique: apresentação de um Movimento de Libertação. Isso foi escrito para pessoas que eram

Transcrição

anti-comunistas, e pensavam que a Frelimo era comunista. Faziam campanhas para não darem apoios a Frelimo, quando ainda não eramos independentes. Então escrevi aquele livrinho para o público alemão porque havia organizações alemães, ONGs de tampão, cristãos, especialmente católicos, *mizero, missio (?)*. Diziam eles têm dinheiro que recebem dos impostos dos católicos, mas os católicos não querem ajudar comunistas. Então eu procurei descrever aquele livro para mostrar que no fundo, aquilo que a Frelimo queria - a Frente de Libertação de Moçambique - era uma coisa legítima e não tinha nada que ver com o comunismo. Era querer ser independente como a independência de Alemanha. Poderia ser Portugal, Inglaterra, Espanha, etc. E então foi publicado este livro, que alias muitos daqueles que vieram da Alemanha capitalista para vir trabalhar cá, instituições como Frederik Herbert todos eles liam nesse livrinho quando estavam a fazer treinamento para ir para Moçambique. Agora já está fora de moda. Já não é possível.

G. M. - No seu processo, ... de estar na Europa, participa no movimento de libertação, leciona na Tanzania, quais são as personalidades que o terão lhe marcado em termos de admiração, em termos de trabalho, quais são as personalidades que foram relevantes no seu percurso, ou livros que tenha considerado singulares na sua vida.

F. C. - Eu gostei no tempo em que estava na Tanzania, analisei bastante a figura do primeiro presidente da Tanzania Julius Kambarage Nyerere. Li o escrito dele, por exemplo, *Ujamaa*, socialismo, queria fazer um socialismo africano. Li com interesse os escritos dele sobre escola, e serviço nacional, serviço militar obrigatório, ensino primário, ensino secundário, universidade. Nyerere era uma pessoa nesse sentido responsável. Ele via que o ensino primário, secundário era eminentemente necessário. Mas quando se chegava ao ensino superior, a Universidade de Dar-es-salaam naquela altura, e depois a Universidade da Agricultura de Sokoine (Morogoro), ele ali tinha o cuidado de mostrar aos estudantes de que uma pessoa que estuda no ensino superior empata muito dinheiro da sociedade, os impostos de uma nação. Então era preciso que os estudantes fossem lá, contribuíssem para aquela instrução superior. Então ele queria na altura de que quem vai a universidade devia primeiro ter vivido nas povoações, nas aldeias, *Ujamaa*, ter feito serviço militar, mas também fazia uma exceção para as

Transcrição

senhoras por causa do gênero. Gostei muito da filosofia do Mwualimo Nyerere. Impressionou-me também a atitude dele em relação aos movimentos de libertação. Ele ao início nunca pensou que teriam os movimentos de libertação que teriam usado arma, que teriam feito a luta armada. Mas depois que se convenceu que aquilo era necessário, não exitou. Apoiou muito. Apoiou-nos a nós da Frente de Libertação de Moçambique para ir para frente.

G. M. - Analisando a qualidade de estudantes de hoje, sobretudo na área das ciencias sociais, que comentários o senhor pode fazer...

F. C. - O meu irmão talvez já ouviu-me a falar, eu nunca – que eles possam ser testemunhas -, eu nunca disse que os nossos estudantes não são capazes de ter qualidade. Eu acho que têm boa qualidade, melhor do que a minha, quando eu comecei a estudar em Roma ou em uma outra parte. Tem muito mais dispostos do que eu. Por mais que o sistema seja frágil, que tem seus fracos, mas os 12 anos que eles passam na escola primária, secundária e pre-universitária, escola técnica, nós temos estudantes muito capazes. E se nós conseguirmos pôr bons métodos de ensino, e também acreditarmos nos métodos participativos centrados nos estudantes, onde dialogamos com eles, onde eles fazem parte da construção do conhecimento que estamos a fazer, onde estamos a trabalhar juntos com eles, nós vamos ficar bem surpreendidos e vamos ver que temos cabeças melhores que a minha, do que nós somos. Porque esses estudantes, desde o começo, tiveram oportunidades. Não há lugar onde não há uma escolinha, ou uma escola primária, e dos muitos que vão, parece que são 5 milhões, não é? Que estão nas escolas primárias, senão mais, desses 5 milhões, depois chegam até 12^a, quando vêm nas universidades, são gente com grande oportunidade. Não é verdade que eles não têm qualidade. No fundo somos nós que não acreditamos em nós mesmos, e não acreditamos na capacidade intelectual que têm os nossos jovens. Eu constato isso quando ensino matemática, história da matemática, os métodos de matemática no departamento de matemática, seção de matemática, vejo isso. Há estudantes aí bons. Ha também estudantes médios, mas isso é em toda a parte. Mas dizer que não tem qualidade não é verdade. Outro problema, porque é que nas escolas dos meios rurais as crianças não conseguem falar português ou não conseguem escrever

Transcrição

logo. Esse problema é mais sério do que se pensa. Aqui nas cidades os filhos dos enfermeiros ou dos professores quando chegam em casa falam português, quando chegam em casa o pai ou a mãe pode ajudar a fazer o trabalho de casa, mas aqueles das zonas rurais, em Molócue ou não sei Suzundenga por aí, ou Mecula, quando as crianças voltam para casa, para casa ou para outros ambientes para de falar português com a mãe, não foram na escola formal que nós temos, então é outra situação. Um professor que está lá diz que os estudantes dele não têm muito aproveitamento, se é transportado... na escola... ele vai ficar admirado porque os estudantes, os alunos têm aproveitamento. Mas não é por causa dele só, é porque por trás desses estudantes que estão no kitabu, nas escolinhas de madamu, estão os pais, estão as irmãs que já falam português, está a televisão que está em português, tudo isso.

G. M. - Uma última questão. Gostaria que fizesse aquilo que é cooperação na comunidade dos países de língua portuguesa ao nível de ensino, ao nível das ciências sociais... quais são as suas percepções em termos de interação entre instituições de ensino, dos professores nesses países...

F. C. - Bom, eu estou a ver, por exemplo, as bolsas que os antigos combatentes têm para o exterior. Os filhos dos antigos combatentes. Isso está aí no Ministério de Educação e Cultura, o ministro da educação e cultura mostrou essa lista. Vi, por exemplo, que muitos vão para Portugal, esses antigos combatentes vão para Portugal. Não quero dizer que apenas vão para Portugal, mas vão para a China, vão para o Vietname, vão para Cuba, mas desde sempre que Portugal... temos uma história juntos, e que esta história está aí. Nós lutamos contra o colonialismo português, mas o colonialismo português era uma coisa. Agora, Portugal fora do colonialismo, depois que fizemos os acordos, um Portugal integrado na União Europeia, já não é um Portugal do tempo do Salazar, Caetano, pode se trabalhar. Com o Brasil, só vendo aquilo que nós temos de protocolos e memorandos com as universidades de lá do Brasil, não sei quantos são os protocolos com o Brasil, mais o triplo, muito mais, e muita gente que foi estudar no Brasil, acho que com o Brasil também temos um bom relacionamento, um relacionamento efetivo e bom para o ensino. Agora, há que avaliar as coisas. Não sei se é o caso de eu avaliar as coisas, quer dizer, a coisa é positiva, mas pode fazer as coisas

Transcrição

muito mais. E próprio Portugal - Brasil não sei-, se está integrado na União Europeia Portugal deve mudar muita coisa. Portugal não está isolado. Portugal agora, se eu vejo CIC na televisão, CIC notícias, ou muita coisa em inglês, entrevistas em inglês, porque na União Europeia uma das línguas oficiais é inglês. Então, os CPLPs têm... Na África do Sul há um consulado português e uma embaixada portuguesa e há uma comunidade portuguesa na África do Sul, mas vamos lá ver, a geração dos mais novos que está lá como eu, ele fala português em casa, mas depois vai a uma escola inglesa, então falam inglês. Quer dizer, a CPLP, especialmente para países como Moçambique têm que aproveitar muito a situação de Portugal e fazer compreender que comunidade de países de língua portuguesa sim senhor, mas países de língua portuguesa com diversos novos interesses. **O próprio Portugal está a modificar o método de ensino, entrou no acordo de Bolonha...**

G. M. – Pode continuar a falar...

F. C. - Quer dizer, estava a dizer que a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa está aí e é uma coisa muito importante, e a única coisa que se faz já ... eu creio que antes...o Brasil, mas depois há coisas específicas, o próprio Portugal, por exemplo, na questão da língua está interessado que os portugueses saibam inglês para poder entrar na vida, e nós que estamos na região aqui enquadrados, estamos na fronteira do Sul, temos a fronteira da África do Sul, lá para o Centro temos o Zimbábue, e depois mais para cima temos Malawi e Zâmbia, temos a Tanzânia. Teremos que sim senhor ter a língua portuguesa como a nossa língua, a língua que se fala de casa, que circula, mas o inglês deve ser conhecido para poder estudar mais, para poder fazer negócios, assim como Portugal está a fazer. Dei o exemplo da Televisão, vá ver CIC, ou como o X o que? XAI, aqueles programas que estão aí, e o mesmo TC1, TC2 são programas que estão continuamente a dar reportagens e filmes em inglês, e Portugal, para habituar as pessoas começa a entrar, a mergulhar na língua inglesa. E isso não faz desaparecer o português. A Tanzânia a língua oficial dela é suahili, e suahili não desaparece, mas também faz uma boa campanha e ensina inglês para poder estar coligado com a sociedade internacional, com os países vizinhos. Eu acho que Portugal compreende isso, o Brasil não sei, o Brasil está no meio dos espanhóis: Argentina, Paraguai..., mas não sei o

Transcrição

quanto fazem para propagar a língua inglesa. Mas pegue lá a Holanda, todos falam holandês, mas não há holandês que não fala inglês. Lê romances em holandês, tem suas coisas em holandês, mas tem boa instrução na língua inglesa. É certamente bom que esses países trabalhem juntos, mas teríamos que ver também depois os interesses internos de cada país. Moçambique tem os seus, Portugal tem os seus, Angola tem os seus interesses, o Brasil também. Dito isto, estou a querer dizer que é muito importante essa comunidade mas que para o futuro precisará refletir mais um pouco para poder melhorar a vantagem de todos os membros. Cada um por si, e depois também em conjunto.

G. M. - Muito obrigado.

F.C. - Acabou.

G. M. - Acabou.

[FINAL DO DEPOIMENTO]